



## **Coletivos de Sarau em Belo Horizonte: expressões das desigualdades socioespaciais**

### **Autores:**

Rachel de Castro Almeida - PUC Minas - [rachel.castro.almeida@gmail.com](mailto:rachel.castro.almeida@gmail.com)

Rodrigo Costa Silva Matos - Puc Minas - [rodrigomatosarquitetura@hotmail.com](mailto:rodrigomatosarquitetura@hotmail.com)

### **Resumo:**

Este artigo apresenta algumas discussões sobre os novos coletivos e sua presença cada vez mais ativa nos espaços públicos das grandes metrópoles. Em Belo Horizonte, assistimos a um recente movimento dos jovens de periferia e a organização de coletivos de Sarau. As suas formas e estratégias de uso e ocupação dos espaços públicos e o modo como se expressam tornam-se fontes instigantes de pesquisa, ao trazerem à tona a tríade lefebvriana do espaço percebido-concebido-vivido. Ancorados pelo método etnográfico, buscamos apreender o modo como esses jovens percebem a produção do espaço social e vivenciam as desigualdades socioespaciais. As análises apontam que essas experiências reconfiguram práticas socioculturais, constroem narrativas que produzem a ambivalente condição do lugar da periferia e de sua população na cidade. As marcas de uma desigualdade socioespacial estão impressas não apenas no espaço, mas no próprio corpo e na relação entre os próprios pares ou com outros estratos sociais.

## Coletivos de Sarau em Belo Horizonte: expressões das desigualdades socioespaciais

*“Sua zona eleitoral  
Era a de conforto.”  
(BASSI, 2018, p. 96)*

A presença de coletivos de jovens da periferia em espaços públicos das grandes cidades brasileiras tem sido uma prática frequente, na atualidade, especialmente após as “Jornadas de Junho de 2013”. Seguindo esta dinâmica, em Belo Horizonte, assistimos a um movimento crescente, promovido, em geral, por coletivos que buscam resgatar e recriar formas de sociabilidade urbana em espaços públicos. Ainda são raros os trabalhos empíricos de vulto que problematizem tais práticas, mas é notória a importância de acompanhar de perto suas dinâmicas. Assim, uma equipe de pesquisadores do Núcleo de Estudos Sociopolíticos da PUC Minas, desde 2017, deu início a um projeto de pesquisa que procura mapear tais experiências<sup>1</sup>.

Dentre os novos coletivos, os que são vinculados às práticas de Sarau se destacam, com presença cada vez mais ativa nos espaços públicos das grandes metrópoles. As suas formas e estratégias de uso e ocupação dos espaços públicos e o modo como se expressam, por meio dos poemas, tornam-se fontes instigantes de pesquisa, ao trazerem à tona a tríade espaço percebido-concebido-vivido proposta por Lefèbvre (2000). Ou seja, de modo dialético, as expressões dos jovens, que são ativos participantes dos Saraus, revelam que todo espaço é previamente concebido e produz uma percepção sensorial (visão, audição, olfato, tato e paladar), que constitui um componente integral de toda prática social que se dá a partir da experiência, do espaço vivido (LEFÈBVRE, 1980).

Neste artigo concentraremos as nossas análises em torno das práticas de Sarau, procurando responder à seguinte questão: de que modo os novos coletivos de sarau percebem a produção do espaço social e, mais precisamente, o modo como vivenciam as desigualdades socioespaciais?

Seguindo o rastro dos coletivos de Sarau, ancorados pelo método etnográfico, adotamos a perspectiva de análise “de perto e de dentro”, buscando apreender os padrões de comportamento, múltiplos e heterogêneos, os grupos e subgrupos, as redes de relações e as redes de significados, bem como os sistemas de trocas materiais e simbólicas (MAGNANI, 2009; ARGIER, 2011). Além da observação participante em vários saraus, de algumas entrevistas, utilizamos como dado empírico os conteúdos extraídos dos textos recitados e publicados recentemente em livros organizados por membros ativos de tais coletivos. Desse modo, os exercícios de interpretação – apoiados na dupla vertente, pensamento e ação, e nas finalidades de conscientização e dialética da investigação sobre o conjunto dos

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa teve apoio do Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP), da PUC Minas, e contou, ao longo do ano de 2017, com a participação do bolsista de Iniciação Científica, Diego Moises Meneses Joaquim, que é aluno do Curso de Ciências Sociais.

fenômenos observados – conferem a esta pesquisa uma intencionalidade própria: interpretação e crítica.

As análises apresentadas a seguir apontam que essas experiências produzem determinadas narrativas que configuram a ambivalente condição do lugar da periferia e de sua população na cidade. As marcas de uma desigualdade socioespacial estão impressas não apenas no espaço, mas também no próprio corpo e na relação entre os pares ou grupos de outros estratos sociais.

## A cidade segregada: o lugar da periferia

Os processos de crescimento e de urbanização das grandes cidades brasileiras são marcados pela produção e reprodução das desigualdades socioespaciais, configurando a caracterização imagética de uma cidade partida (VENTURA, 1994) e mais recentemente de uma cidade de muros (CALDEIRA, 2000). No cotidiano vivido e experienciado há muito mais do que uma simples cisão geográfica ou da produção de limites simbólicos e materiais, pois estas fraturas perpassam direitos humanos, civis, políticos, sociais, econômicos e culturais.

Analisadas grosso modo, as desigualdades socioespaciais revelam o modo como fatores sociais — renda, escolaridade, ocupação profissional, gênero, idade, cor/raça — configuram padrões espaciais, por dispersão ou concentração no espaço físico. Na medida em que as diferenças entre tais padrões conformam (des)vantagens para uma das partes, as desigualdades socioespaciais se constituem um problema social (TILLY, 2006) e um fértil campo de estudo para as Ciências Sociais.

A relação entre estrutura de classe e diferenciação socioespacial pressupõe que a posição de classe de um indivíduo determina as oportunidades e as expectativas de futuro e que as classes e as desigualdades de classe, apesar de fundadas sobre uma base material, estão muito além da mera produção econômica e ou material (DUBET, 2001; COLLINS, 2009). Assim, para a configuração das posições de classe, além da análise de fatores como renda e ou posição na estrutura sócio-ocupacional, há que se considerar também outros fatores tais como: religião, etnia, atributos culturais, diferenças simbólicas e de poder político.

É, portanto, no espaço urbano e na interação social que essas diferenças podem impor-se estabelecendo limites entre os que estão dentro e os que estão fora e *“conduzem com frequência à delimitação de fronteiras, à constituição de grupos e à formação de identidades coletivas, muitas vezes associadas a distribuições desiguais de recursos e oportunidades, em termos mais ou menos acentuados e duradouros”* (COSTA, 2012, p. 12). Há, portanto, que se considerar a relevância da interpretação da vida cotidiana, dos fenômenos culturais e da escala local nos estudos acerca da lógica da produção do espaço urbano. Tal como aponta Lefèbvre, o espaço é considerado um campo de possibilidades de construção de um espaço diferencial, em que o espaço contém e está contido nas relações sociais. *“Logo, o real é historicamente construído tendo como representação mental o urbano e a cidade como expressão material desta representação.”* (SOUZA, 2009, p.4-5).

Neste contexto, as cidades são um objeto precioso de análise uma vez que o espaço construído revela tanto as dinâmicas do capital, do uso da terra, da produção, quanto das relações sociais, observadas, por exemplo, por Zukin (1996), na forma de cultura e poder. A configuração da estrutura de classes de uma determinada sociedade dá origem aos diferentes estilos de vida, que se apresentam, espacialmente, nos padrões de segregação, característicos de bairros operários, guetos, condomínios fechados, vilas, favelas. Tais produções espaciais são frutos das três dimensões ou processos (concebido-percebido-vivido) dialeticamente interconectados.

No caso das cidades brasileiras, o processo de urbanização tem sido retratado enfatizando dois momentos históricos. O primeiro, entre as décadas de 1950 e 1980, é delineado pela industrialização e a configuração das periferias precárias. O segundo momento, a partir da década de 1990, exibe as forças da reestruturação produtiva e seus rebatimentos em termos sociais e espaciais. (COSTA & MENDONÇA, 2012).

Em síntese, os fatores sociais e espaciais se relacionam gerando uma tensão desde o início de nossa urbanização até os dias atuais. Se, no início do século XX, a crise sanitária revelava que nossa tensão estava na desordem provocada pelos cortiços, no final do mesmo século, sob a égide da “cultura do medo”, são as favelas e as periferias os espaços nomeados como responsáveis pela manutenção da tensão e de uma suposta desordem. Em ambos os períodos são os espaços das classes baixas e populares, bem como as suas práticas, que “estruturam” a organização espacial fragmentada e uma sociedade política, que segundo Ribeiro e Santos Junior (2005, p.87), assemelham-se ao antigo regime, *“onde as elites passam a controlar de maneira exclusivista a ordem poliárquica deformada, abandonando ao hobbesianismo os deserdados da nova ordem do mercado”*.

Essa relação de dominação é sustentada pela desigualdade de recursos disponíveis para os distintos grupos sociais. Na estrutura urbana, a estrutura de poder é expressa na capacidade diferenciada dos grupos e classes de desencadear ações que lhes permitam disputar recursos urbanos como infraestrutura, saneamento, transporte, serviços e habitação. Com efeito, é fato que essa distribuição desigual de recursos configura também uma repartição díspar do próprio poder. Nesse sentido, toda relação é medida em certas circunstâncias como uma relação de poder e, conseqüentemente, de dominação, ou seja, naquelas situações específicas em que um agente obedece a uma ordem específica dada por outro. Essa aceitação da dominação, segundo a perspectiva weberiana, baseia-se em motivos muito diferentes que vão desde o hábito, dominação tradicional, à promoção dos próprios interesses; entretanto, é importante sublinhar que *“o sustentáculo da dominação é o caráter legítimo que a dominação se reveste aos olhos dos próprios subordinados”* (GIDDENS, 2005, p.218).

Vale sublinhar que corroboramos as perspectivas que compreendem a segregação como um processo em que a segmentação da sociedade está fundada na *“crença coletivamente compartilhada sobre a necessidade da manutenção – ou mesmo aumento - das barreiras materiais ou simbólicas que bloqueiam a livre circulação dos indivíduos entre as categorias e, conseqüentemente, entre as localizações espaciais”* (Observatório das Metrôpoles, apud Mendonça et. al, 2015, p. 15).

A realidade contemporânea associa outras dimensões ao instituído processo de dominação das elites e que afetam consideravelmente as experiências de sociabilidade de classes. Os estudos de Ribeiro e Santos Junior revelam que nas favelas, as fortes clivagens sociais e o aumento da violência estão induzindo a um tipo de individualismo que não encontra, na experiência coletiva, o substrato para a construção de identidades coletivas. Com a expansão das formas criminosas e perversas de sociabilidade, *“(...) o sentimento de insegurança e de desconfiança em relação aos vizinhos têm destruído os laços de sociabilidade, enfraquecido os processos identitários no lugar de residência e, conseqüentemente, gerado obstáculos à formação de ações coletivas”* (RIBEIRO e SANTOS Jr., 2005, p. 94).

A exclusão e o isolamento das classes populares têm provocado um isolamento social dos pobres e esse processo *“se convierte en un obstáculo importante para acumular los activos que se necesitan para dejar de ser pobre, lo que hace que la pobreza urbana socialmente aislada se constituya en el caso paradigmático de la exclusión social.”* (KATZMAN, 2001, p.173).

Em seu modelo de análise, Katzman (2001) aponta que a segregação residencial, a segmentação laboral e a segmentação educativa se correlacionam na produção de um padrão socioespacial com fortes marcas excludentes. O autor explica que o atual sistema econômico reforça as precárias e frágeis condições de ingresso no mercado de trabalho, pois o mesmo é um espaço também privilegiado para acesso às redes de relacionamento que garantem a continuidade da inserção no trabalho e inclusive ampliam as chances de acesso a serviços. Concomitantemente, a segmentação do acesso aos serviços reduz as probabilidades de acesso a recursos vitais, como saúde, e essenciais para ultrapassar essa condição vulnerável, como a educação. A educação é uma via de mobilidade, de integração social, de constituição de redes de relacionamento, vínculos de solidariedade, de afeto, de autoestima. *“A universalização da educação, não obstante sua baixa qualidade, cria a expectativa de integração social pelo mérito e eleva as aspirações de sucesso.”* (KATZMAN e RIBEIRO, 2009, p. 253).

Associa-se ainda a redução dos espaços públicos, o que restringe as possibilidades de estabelecimento de contatos informais entre classes, fato que atenua ainda mais as chances de acesso ao mercado de trabalho e conseqüente ascensão social. Este isolamento se converte em um obstáculo importante para o acúmulo de ativos/capitais que permitam ultrapassar a condição de pobreza. Isolados do mercado de trabalho, da educação formal, das redes de sociabilidade vão se constituindo e reproduzindo desigualdades e exclusões cumulativas. Em síntese: *“um dos mais dramáticos desafios das políticas sociais nas áreas metropolitanas está em transformar estas ‘externalidades negativas’ em positivas, isto é, fazendo com que as características do local de residência deixem de constituir os fatores decisivos para a reprodução da pobreza.”* (TORRES e MARQUES, 2004).

Um conjunto de política sociais empreendido nos últimos anos somado ao próprio processo de reestruturação econômica em nível mundial, as transformações tecnológicas que acentuam os processos de globalização econômica e cultural têm introduzido algumas nuances ao lugar social e simbólico ocupado pelas periferias e pelos atores sociais individuais

e coletivos que ocupam esses espaços sociais<sup>2</sup>. A partir dos anos 1990, segundo D'Andrea (2013), o termo periferia ganha o sentido de potência, enquanto espaço marcado por possibilidades e forças. Entretanto, o autor sublinha que o sentido de potência é bastante ambivalente, uma vez que carrega a marca da emancipação de sua histórica condição de subalternidade e de lugar marcado por estigmas, mas, por outro lado, se associa a uma “marca mercadológica” das chamadas “classes C” que acompanham a ascensão das novas classes médias.

Fato é que sem dúvida o lugar social das periferias tem sido reconfigurado de modo potente associado a deslocamentos territoriais e discursivos que podem ser observados tanto pelos resultados das pesquisas acadêmicas, que revelam o posicionamento dos atores sociais em questão, quanto também pelo modo como a mídia representa esses espaços e seus atores. Neste contexto nasce o sujeito periférico, tal como delineado por D'Andrea (2013): o indivíduo portador de uma nova subjetividade capaz de explicar o seu lugar no mundo e fundamentar a sua existência a partir do orgulho de ser periférico, o que resulta em um novo modo de agir político.

E é nesta conjuntura que as práticas de Sarau se anunciam enquanto instigante objeto de pesquisa, pois podemos identificar por intermédio dos discursos dos jovens membros ativos – apelando, portanto, à consciência discursiva – o modo como os sujeitos em análise elaboram reflexivamente suas formas de conceber-perceber-vivenciar as desigualdades socioespaciais. Assim, a análise de conteúdo desses discursos neste artigo:

(...) não se resume a uma apropriação do dito mas, antes, a um mergulhar nos seus sentidos mais recônditos, naquilo que dá que dizer ao dito e que, tantas vezes, fica interdito às interpretações simplistas ou superficiais, longínquas do que fica por dizer quando nos confrontamos com o dito. Por isso, interpretar é trazer o dito à proximidade do que fica por dizer; o analisado à proximidade do que fica por analisar; o respondido à proximidade do que fica por questionar. (PAIS, 2006, p. 25).

Cabe ressaltar que, ao entrar em contato com os grupos pesquisados, a intenção primeira foi de obter um conhecimento objetivo. No entanto, como assinala Velho (2002), isto não significa uma anulação ou neutralização dos sentimentos, emoções ou crenças dos próprios pesquisadores. Ao eleger a própria sociedade como objeto de investigação, a subjetividade dos pesquisadores é fatalmente incorporada ao processo de conhecimento desencadeado.

Neste artigo, quando usamos a transcrição literal dos poemas publicados em livros, os nomes dos autores foram revelados já que os livros são de ampla circulação. Na transcrição literal dos poemas recitados nos eventos, os nomes dos autores também foram

---

<sup>2</sup> Costa e Mendonça (2012, p. 50) ainda citam “mudanças socioculturais mais amplas associadas à emergência de múltiplas formas de associação e identificação coletiva; mudanças espaciais reais ou ainda virtuais motivadas por novos meios de comunicação e pelo renovado papel desempenhado pelo espaço na valorização do capital; emergência da dimensão ambiental no debate socioespacial, redefinindo agendas de pesquisa e de políticas públicas, incorporando outros valores às concepções urbanísticas e ao planejamento, criando novas demandas à práxis socioespacial”.

revelados já que é essencial para esses jovens ter o reconhecimento da autoria de seus poemas, antes mesmo de suas publicações. Quanto às entrevistas, elas foram fundamentais para que os pesquisadores pudessem compreender a história desses coletivos e suas dinâmicas, por isto agradecemos imensamente à disponibilidade dos jovens entrevistados, mas como não usamos transcrições literais, seus nomes serão resguardados.

## Sarau: práticas coletivas de enunciação de presença

Um marco importante e uma referência entre os coletivos de sarau no Brasil é a Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa), fundada em 2001, em São Paulo, por Sérgio Vaz. Esse coletivo agregou informalmente artistas amadores e profissionais oriundos de distintas áreas que se reuniam semanalmente em um pequeno bar no Jardim Guarujá, zona sul de São Paulo, com o objetivo de divulgar a arte, principalmente a poesia, sem apoio ou visibilidade da mídia (NASCIMENTO, 2011).

Essa experiência, que ainda mantém sua vitalidade, foi uma fonte de inspiração e referência para que sete anos depois, em 2008, em Belo Horizonte, um grupo de jovens de uma região periférica, associada ao operariado, denominada Barreiro, criasse o Coletivoz, sob a liderança de Rogério Coelho e Eduardo DW. Esse coletivo se tornou o centro de uma rede conformada hoje por vários outros grupos em toda a região metropolitana de Belo Horizonte, o que é recorrentemente valorizado entre os participantes, como releva o depoimento de Zi Reis, do Sarau Vira-lata:

“O sarau Coletivoz era meio um sarau que a gente frequentava que a gente se trombava, eu, Kadu, a galera do rolé da cidade, assim, que curtia essa coisa da poesia e da palavra. Essa coisa da proposta do sarau marginal, acho que o Coletivoz é muito referência para todo mundo aqui na cidade” (REIS, apud FELIX, 2016, p.34)

Naquele mesmo ano, em Belo Horizonte, surgem movimentos de ocupação do espaço público na região central, como a Praia da Estação, realizado na Praça da Estação, e apresentações e duelos de rap, no viaduto Santa Tereza. Em 2011 já se nota um efetivo ferver de iniciativas esparsas de saraus, com o Vira-lata, em 2012, o Entre letras e retalhos (ELER), o Cabeça Ativa e o Apoema, em 2013, o Sarau Comum em 2014. De 2013 a 2016, foram criados outros doze novos coletivos de Sarau.

Em nossas análises vamos concentrar as observações nos campos realizados no Sarau Comum e nas recentes publicações produzidas pelo Coletivoz (MACHADO & OLIVEIRA, 2018) e por um grupo de jovens escritoras negras (OLIVEIRA, 2018). Dentro de um rico universo de campo o Sarau Comum se destaca dentre os demais por ser realizado em um bairro da região Centro-Sul da cidade de Belo Horizonte e pelo fato de manter regularidade mensal de encontros. O Coletivoz, apesar de ser o precursor, não se reuniu com regularidade ao longo dos anos de 2017 e 2018, o que impossibilitou a realização da pesquisa de campo<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> A efemeridade com que se organizam as práticas, os laços e os vínculos entre os membros estão presentes nos contextos estudados sugerindo que a temporalidade é uma questão essencial a ser considerada nas análises urbanas.

Entretanto, sua primeira coletânea reúne textos de seus membros que são uma referência para todo o conjunto de jovens ativos participantes das práticas de sarau na região metropolitana de Belo Horizonte. Além disso, seus membros são participantes eventuais do Sarau Comum.

O Sarau Comum, objeto deste estudo, começou a ser realizado em 2014, mas sua história tem início em outubro de 2013, quando um grupo de artistas decide ocupar um antigo casarão, propriedade do poder público estadual, que acumulava cerca de vinte anos de abandono. Esse imóvel fora inaugurado em 1914, destinado a ser o primeiro hospital militar de Belo Horizonte, ainda com o nome de Brigada Policial. Em 1945, o hospital foi transferido para outro edifício e o local permaneceu desocupado até 1952, quando, devido a uma nova demanda do poder público de Minas Gerais, ali se instalou o Hospital Central de Neuropsiquiatria Infantil. A partir de 1973, o edifício sediou uma escola para crianças especiais e, por fim, acolheu a Escola Estadual Yolanda Martins (NOSSA CAUSA, 2018). Em síntese, Priscila Musa, uma das diretoras do Espaço Comum Luiz Estrela, afirma:

Podemos dizer que o casarão da Rua Manaus, 348, nos escolheu ou, talvez, as crianças que ali sofreram muitas e múltiplas violências nos chamaram para que suas histórias fossem contadas, sábias que são: lembrar para que não se repita. Como a história do casarão que ocupamos, existem muitas memórias sendo esquecidas e arruinadas em outros velhos casarões em vários cantos da cidade, do estado, do país, algumas duras, outras de muita alegria, como a nossa um dia será. A restauração do velho casarão não é o que se realiza com a recomposição das trincas e fissuras, mas com outros corpos ocupando aquele espaço: os sons, os rastros, os cheiros, os rebolados. (MUSA, apud BRASIL, 2017).

Depois de muita luta, com o apoio da comunidade, o governo estadual formalizou, em 2013, a cessão do casarão para que o coletivo pudesse se encarregar da gestão daquele espaço de uso público por 20 anos.

Atualmente, o Sarau Comum acontece a cada última sexta-feira do mês. Com as portas do casarão abertas às 19h a todos os interessados, o Sarau começa com a concepção do espaço, por meio da organização do seu pátio interno: um espaço amplo, livre, descoberto, com piso de cimento e algumas árvores de baixo porte. Este processo produz um espaço que é percebido pelos membros ativos e pela plateia como um ambiente bastante acolhedor, intimista, que gera uma sensação de familiaridade e de privacidade.

Para a realização do Sarau há uma composição espacial de mobiliários, produzidos com materiais reciclados, configurando uma apropriação em roda, ou um semicírculo ou, eventualmente, um quadrado, sempre criando um vazio central, para acolher as performances. Tambores de metal, usados em geral para transporte de combustível, neste caso são reutilizados como mesas ou suportes de apoio. Tábuas de madeira servem como assentos de bancos, apoiados em tijolos que conformam uma espécie de arquibancada. Há sempre a distinção de um espaço nomeado “Biblioteca Comum”, onde estão dispostos livros para consulta durante o evento por aqueles que quiserem escolher uma poesia e recitar.



Foto Sarau Comum, 10.03.2017. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/saraucomum/photos/a.1318980381481054/1318985948147164/?type=3&theater>

Como a foto revela, a iluminação é bastante singela, em geral, a lua é a principal fonte de luz, somada a alguns recipientes de material reciclado, utilizados como castiçais com velas, dispersos no próprio piso, e uma ou outra luminária na parede do casarão ou no muro. A informalidade e a constante alteração na organização desse ambiente estão presentes em muitos outros detalhes ornamentais.

Nota-se, portanto, que a lógica de organização do espaço é bastante flexível, livre, criativa, sem marcas fixas ou uso de investimento material como estratégia de ocupação. De fato, corroborando a intenção original do coletivo, revelada no depoimento de Priscila Musa, são os corpos e os modos de apropriação, a cada evento, que expressam uma construção de espaço público como espaço de deliberação conjunta e capaz de engendrar um destino comum para o próprio coletivo. Este ritual de organização do espaço é bastante simbólico e constituinte da organização do próprio coletivo.

O público é formado na maioria das vezes por cerca de 15 a 20 membros mais assíduos e entre 10 a 15 pessoas que circulam pelo local, mas não participam todo o tempo e não se manifestam. São jovens e adultos na faixa etária entre 15 e 35 anos, muitos universitários, alguns casais, hetero e homossexuais, muitos negros e negras, a grande maioria moradora em bairros periféricos de cidades que integram a região metropolitana.

No início de todo sarau são anunciadas as regras e entoa-se um grito de guerra na forma de canto. Essa abertura do início das performances é conduzida por um jovem, um dos pioneiros integrantes do coletivo. Ele exerce uma função equivalente à de mestre de cerimônias e, ao mesmo tempo, de mediador. Após apresentar as regras, ele próprio puxa o grito de guerra que consiste em uma interação entre uma primeira pessoa que grita “Sarau!” e as outras pessoas respondem “Comum”, assim sucessivamente. Desse modo é possível compreender o ritual de abertura como um momento em que se expressa a relação de

cooperação entre o coletivo e a plateia. Essa prática revela que todos ali presentes fazem parte do espetáculo e não há separação entre coletivo e plateia: juntos, são todos o público.

Quando é aberto o microfone, a plateia ainda não assimilou a sensação de pertencimento e se comporta de maneira tímida, todas as pessoas permanecem sentadas, evitando, assim, ser a primeira, na expectativa de que outra o faça. Em todas as edições observadas do sarau, foi possível notar que são os membros do próprio coletivo que abrem as atividades, dando início à recitação, e assim que esse momento de maior tensão é ultrapassado, alguém da plateia ganha coragem e recita.

As performances são bastante variadas. Os membros mais assíduos coordenam, participam mais ativamente e nitidamente dão o tom do evento. São eles que, além de apresentarem, incentivam seus pares a participar, convidando-se uns aos outros. Em geral, o orador que tem mais prática se levanta, recita de cor, sem apoio de texto. Em ágeis gestos e movimentos, ocupa todo o espaço do palco e se aproxima da plateia. Há, contudo, aqueles que não se levantam para recitar ou que adotam um tom de voz bem baixo, como se pode ver na foto abaixo. Outros chegam a usar alguns artifícios para se proteger da própria timidez, como, por exemplo, bonés que cobrem parcialmente seus rostos. Há jovens mães, que vêm acompanhadas de seus bebês de colo, e que eventualmente recitam assentadas.



Foto Sarau Comum, 10.03.2017. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/saraucomum/photos/a.1318980381481054/1318980671481025/?type=3&theater>

Dentro do grupo há quem goste de avisar, de maneira informal e irreverente, que o sarau está chegando ao fim, para que os presentes possam ir se preparando para o encerramento, mas há quem não goste dessa atitude, alegando que isso tolhe a espontaneidade característica do sarau. Há aqueles que declaram o quanto gostariam que o encontro durasse a noite toda, e são esses mesmos que costumam prolongar a noitada ao sair do Sarau, indo, em geral, ao “Samba da meia noite”, no bairro Santa Tereza, ou para os bares da Rua Sapucaí.

## Sarau: deslocamentos territoriais e discursivos

O prefácio do *À Luta, À Voz: Coletivo Sarau de Periferia* já anuncia as marcas expressivas dessa forma de ação coletiva que entrelaça arte, cultura e política. Com efeito, *“a literatura contida neste livro é um lugar de encontro, é como sempre diz um amigo meu, a celebração da palavra”* (BASSI, 2018, p.8). O encontro e o reencontro são estratégias para reunir experiências pessoais e coletivas configurando uma coletânea *“que carrega o sonar de vozes transhistóricas, composições que se complementam”* (BASSI, 2018, p.8). Nestes encontros, lá pertinho da serra do rola moça, bairro Independência, Barreiro, é construída coletivamente uma esfera pública, na medida em que *“um sarau [vai] firmando pactos, públicos do bar, passantes periféricos, chegados do trabalho, artistas, MC’s, pessoas”* (COELHO, 2018, p.7).

“A sede do meu clube é na esquina,  
Não cantamos versos floreados,  
Gritamos com bafo de aspirina,  
Nossos sonhos escarrados,  
Pela boca com brilho de menta,  
Mas, que sangra e fede,  
Quando, sem piedade, mete,  
Palavras sujas em minha vida.

A sede do meu clube de esquina,  
Não é de água, é de cem coisas diversas,  
Destruída por forças mais cruéis que o Katrina,  
Tão distantes que parecem perversas,  
Essa é a minha sede, a sede das outras protagonistas,  
De notas de rodapé em jornais sensacionalistas  
Notas manchadas com nosso sangue quente,  
Escritos pelos falcões que comem a gente.

A sede do meu clube é na esquina,  
Mas, quando chove é uma desgraça,  
As ruas ficam vazias, nenhum vira-lata,  
Nenhuma alma penada, frio e mais nada,  
Dentro do meu barraco só traça,  
Engulo a raiva, engasgo. Respiro. Mais aspirinas,  
A sede aperta, a fome esmaga,  
E as ruas vazias são feias. Assassinas”  
(FLOR, 2018, p.60, poema Clube da Esquina).

Um espaço em que a concepção é dada pela omissão do poder público e pelas concretas (im)possibilidades materiais. O espaço precário em termos de infraestrutura que lida com problemas ambientais e uma vida, que resulta desta condição, expressa por termos

como “forças cruéis”, “desgraça”, “vazio”, “frio”, “raiva”, “sede”, “fome”. Entretanto, de modo ambivalente, é também uma representação que alude à potência simbólica do Clube da Esquina, um movimento musical brasileiro, surgido na década de 1960, em Belo Horizonte, que reunia jovens músicos que aos poucos ganharam reconhecimento e influenciaram diversos outros jovens artistas.

Assim, são vários os exemplos que revelam o modo como os poetas dos saraus evidenciam o papel do espaço na composição de suas marcas identitárias, pois é nesse contexto que encontramos “*esse porvir de poetas que sobem e descem a ladeira num busão lotado de nove-as-nove, que poetiza sonhos, amores e utopias*” (BASSI, 2018, p.8). Temos um poeta moldado por uma realidade socioespacial e que exprime a relação dialética entre as oportunidades e condições objetivas e esperanças subjetivas em relação à vida.

Selecionamos alguns poemas ou trecho por enunciarem marcas expressivas do modo como as desigualdades socioespaciais são vivenciadas cotidianamente por esses jovens, pois:

“Quem não quer sofrer que se isole,  
Porque a justiça é falha,  
Porque a polícia te cala,  
O governo te rouba e te condena,  
E você paga pelo crime cometido contra você,  
Quem não quer sofrer que se isole,  
Porque essa base racista te chama de vitimista e pede para ser otimista,  
E ainda diz que esforço é conquista,  
Te ilude com a meritocracia e depois explora suas conquistas,  
Quem não quer sofrer que se isole,  
Na pirâmide social excluí o pobre, preto, favelado, transexual  
Libera arma pra geral afinal,  
Vamos matar os marginal, mas o aborto é ilegal.  
As regras demandam capital,  
Quem não quer sofrer que se isole,  
Saia das redes sociais, tecnologia para o controle social,  
O governo sabe seus passos, seu signo, seus laços, sua conta no banco, seu  
gasto do mês, suas conversas, suas fotos, seus likes, suas intimidades e se  
bobear ainda goza com seus nudes,  
Quem não quer sofrer que se isole,  
Dessa política suja, dessa bancada onde a bala mata pobre,  
Onde o boi explora a carne do pobre,  
E a bíblia condena todos, menos os que possuem mansão de ouro.  
Que foi conquistada com o dinheiro do povo, amém.  
Quem não quer sofrer que se isole,  
Pois isolado você cria,  
E é isso que eles não querem,  
Que você use a sua capacidade de pensar,  
Por isso a poesia é resistência,  
Por isso a arte é resistência,  
Por isso devemos resistir,

Por que isolados?

Mesmo que estivermos aqui, ninguém rouba nossos sonhos.”

(Jussara Kely, Sarau Comum, poema sem título declamado dia 29.06.2018)

Assim, o espaço vivido descortina uma realidade em que é possível observar as afirmações da ausência ou mesmo da presença discricionária da justiça, da polícia, das esferas políticas e religiosas e da própria lógica capitalista. Ao mesmo tempo, de modo contraditório, vão sendo configuradas contra narrativas que expressam potência, resistência e sonhos: poesia e arte são resistências e devemos resistir.

Há que resistir em contextos que são muitas vezes associados a situações de extrema vulnerabilidade com a manifestação da sede, da fome, do cansaço físico e da violência. As letras dos poemas expressam a reflexividade do sujeito em relação a sua condição e seu posicionamento enquanto ser social. De modo bastante similar ao apontado por D’Andrea (2013, p.175) nas análises das músicas dos Racionais MCs *“o sujeito periférico deve portar o orgulho de ser periférico, deve reconhecer-se como pertencendo a uma coletividade que compartilha códigos, normas e formas de ver o mundo; deve possuir senso crítico em relação à forma como a sociedade está estruturada; e deve agir para a superação das atuais condições”*. É desse modo que:

“(…)

Eu coloco ração para os gatos e esqueço eu mesma de comer,

E o estômago embrulhado nem é o pior de tudo,

O problema é que eu acordo,

Porque eu durmo esperando um descanso,

Eu durmo esperando uma solução, uma calma e eu acordo com dor,

Dor nas costas, de cabeça, do estômago,

Dor porque dói o marasmo e as contas acumulando no sofá sem um centavo pra pagar,

Dói porque deveria tá em outro lugar,

O problema é acordar,

(…)”

(Pieta Poeta, Sarau Comum, trecho extraído de poema sem título declamado dia 29.06.2018)

Experiências e expressões de dores que recriam utopias, o desejo por outro lugar ou de um lugar que não está no agora, mas que pode ser construído no futuro. Dores que se somam às experiências de medos:

“(…)

Temos medo do que existe e do que não existe

Medo de lutar pelo que se quer e pelo que não se quer

Medo de andar na rua, de parar ou de continuar

(…)”

(COSTA, 2018, p.98, trecho extraído do poema Medos)

A violência e a pobreza que se verificam na periferia seriam marcas constitutivas desses espaços, mas, produzidas pela desigualdade sistêmica que acomete a cidade como um todo.

“Feliz cidades para o ano todo  
Infeliz cidade  
Deixadas longe  
Para felicidades  
Escondidas debaixo dos forros de dinheiro  
Camufladas com lamas e pesadelos  
Jogados debaixo do solo de lixo  
Enxofres que exalam odor  
E te faz ficar longe do problema  
Que gera infeliz cidades  
De saúde precária  
Entupidos de poluição  
Parados assistindo televisão  
Sem educação  
Infeliz são as cidades  
Onde moram moradores  
Que morrem por várias dores  
Com tantos problemas  
Só sabem dizer que é depressão  
Toma aqui um remédio é tá bom  
E tem lugar que tá BUUM!  
Crack e BUUM!  
Feliz cidade o ano todo”  
(JUSSARA KELLY, 2018, p.77, Poema Felicidades)

A experiência vivenciada em um cotidiano ritualizado em rotinas extenuantes de trabalho, acrescidas das longas jornadas em transportes públicos precários, somadas às incipientes refeições diárias:

Veja bem, senhora:  
Acordo às cinco da manhã,  
Café e pão com margarina,  
Boto o meu gorro de lá,  
Trajeto de rotina,  
Levando minha marmita,  
Engolindo a seco toda dificuldade,  
E antes que eu desista,  
A imagem da minha filha me dá força,  
Procuro a felicidade,  
Até quando lavo sua louça.

Veja bem senhora:  
Voltando da sua casa,

Transportes caros e lotados,  
Esperança tentando voar  
Com apenas uma asa,  
Corpos exaustos e corações apertados,  
O jantar não é farto,  
Mas, prometi à minha filha desde o parto,  
Que nunca faltaria nada para ela,  
E se for preciso, além da sua casa,  
Enfrento o caos da esquina e da viela,  
Durmo chorando mais uma vez, quietinha  
Com a minha pequena, abraçada,  
Senhora,  
Antes de criticar meu “bolsa-esmola”,  
Que tal tratar como sendo GENTE  
A sua empregada?

(FLOR, 2018, p.59, Poema Veja bem, Senhora)

O caos da esquina e da viela se expande e:

A cidade nos adoece  
A universidade nos adoece  
A família nos adoece  
O sistema nos adoece  
E essa doença que a cada dia só cresce  
Nada parece melhorar  
Nem mesmo fazendo uma prece  
Todo-dia

(GOMES, 2018, p.75, Poema sem título)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, este trabalho procurou percorrer as expressões dos jovens membros ativos dos Saraus realizados na região metropolitana de Belo Horizonte procurando identificar o modo como revelam as percepções e vivências das desigualdades socioespaciais.

O lugar da periferia e da relação entre as dicotômicas categorias centro *versus* periferia, poder *versus* não-poder já não conseguem explicar as dinâmicas urbanas contemporâneas, pois as práticas configuradas pelos novos coletivos, suas formas de uso e de apropriação dos espaços públicos das cidades, suas performances, seus poemas são expressões de uma reconfiguração das formas de manifestação social e política.

Suas práticas e seus poemas descortinam um espaço concebido-percebido-vivido em meio à carência de recursos materiais que se anuncia de vários modos, associado aos corpos que exibem as marcas resultantes desse contexto: a fome, a sede, o choro, o sono, o cansaço, as dores... No entanto, é também esse contexto que suscita a força da utopia, da felicidade, da luta, da esperança, da resistência.

## REFERÊNCIAS

- ARGIER, M. Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011. COLLINS, Randall. *Quatro Tradições Sociológicas*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BASSI, Karine. Eleições. (96). In: Oliveira, Karine (org). *Raízes: resistência histórica*. Belo Horizonte: Ed. Venas Abiertas, 2018.
- BASSI, Karine. Prefácio (sn). In: Machado, Dione; Oliveira, Karine. (orgs). *À Luz, à Voz: coletivos saraus de periferia*. Belo Horizonte: Ed. Venas Abiertas, 2018.
- CALDEIRA, Teresa P. do Rio. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000, 399 pp.
- COELHO, Rogério. Apresentação (sn). In: Machado, Dione; Oliveira, Karine. (orgs). *À Luz, à Voz: coletivos saraus de periferia*. Belo Horizonte: Ed. Venas Abiertas, 2018.
- COSTA, Antonio Firmino. *Desigualdades Sociais Contemporâneas*. Lisboa: Editora Mundos Sociais, 2012.
- COSTA, Heloisa Soares de Moura; MENDONÇA, Jupira. Gonçalves. Novidades e permanências na produção do espaço da metrópole: um olhar a partir de Belo Horizonte. In: Fabricio Leal de Oliveira; Adauto Lucio Cardoso; Heloisa Soares de Moura Costa; Carlos Bernardo Vainer. (Org.). *Grandes projetos metropolitanos: Rio de Janeiro e Belo Horizonte*. 1ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012, v. 1, p. 46-65.
- COSTA, Laércio Gomes. Medos (98). In: Machado, Dione; Oliveira, Karine. (orgs). *À Luz, à Voz: coletivos saraus de periferia*. Belo Horizonte: Ed. Venas Abiertas, 2018.
- D'ANDREA, Tiaraju. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. 2013. (Tese Doutorado) – FFLCH/USP, Departamento de Sociologia, São Paulo.
- FELIX, Camila. *Atlas dos Saraus: mapeamento dos saraus de poesia da região metropolitana de Belo Horizonte*. 2016. (Monografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte.
- FLOR, Priscila. Veja bem, Senhora. (59). In: Oliveira, Karine (org). *Raízes: resistência histórica*. Belo Horizonte: Ed. Venas Abiertas, 2018.
- FLOR, Priscila. Clube da Esquina. (60). In: Oliveira, Karine (org). *Raízes: resistência histórica*. Belo Horizonte: Ed. Venas Abiertas, 2018.

- GIDDENS, Anthony. *Capitalismo e Moderna Teoria Social*. Lisboa: Editorial Presença, 2005.
- GOMES, Júlia. Poema sem título (75). In: Oliveira, Karine (org). *Raízes: resistência histórica*. Belo Horizonte: Ed. Venas Abiertas, 2018.
- KAZTMAN, Ruben Kaztman; RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. Metrôpoles e sociabilidade: os impactos das transformações socioterritoriais das grandes cidades na coesão social dos países da América Latina. *Cadernos Metrôpole*, 2008, n.20, pp. 241-261
- KAZTMAN, Ruben. Seducidos y abandonados: el aislamiento social de los pobres urbanos. *Revista de la Cepal*, 2001, n.75, pp. 171-189.
- KELY, Jussara. Felicidades (77). In: Machado, Dione; Oliveira, Karine. (orgs). *À Luz, à Voz: coletivoz sarau de periferia*. Belo Horizonte: Ed. Venas Abiertas, 2018.
- LEFEBVRE, H. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática, 1980.
- LEFEBVRE, H. La production de l'espace. 4.ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000.
- MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos* (UFRGS. Impresso), v. 32, p. 129-156, 2009. <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>. Acesso em 12 de novembro de 2018.
- MENDONÇA, Jupira Gonçalves; ANDRADE, Luciana Teixeira de; DINIZ, Alexandre Magno Alves. Introdução: Mudanças e permanências na estrutura socioeconômica e territorial na Região Metropolitana de Belo Horizonte. In: ANDRADE, Luciana Teixeira de; MENDONÇA, Jupira; DINIZ, Alexandre Magno Alves (ed). *Belo Horizonte: transformações na ordem urbana*. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2015. Disponível em [http://www.arq.ufmg.br/lab-urb/wp-content/uploads/2013/09/Livro-serie\\_ordemurbana\\_belo-horizonte-2015.compressed-min.pdf](http://www.arq.ufmg.br/lab-urb/wp-content/uploads/2013/09/Livro-serie_ordemurbana_belo-horizonte-2015.compressed-min.pdf) Acesso em 12 de novembro de 2018.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-12112012-092647/pt-br.php> Acesso em 20 de novembro de 2018.
- PAIS, José Machado; CAIRNS, David; PAPPÁMIKAIL, Lia. Jovens europeus: retrato da diversidade. *Tempo Social*, v. 17, n. 2, nov. 2005.
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; Santos Jr, Orlando Alves dos. Democracia e cidade: divisão social da cidade e cidadania na sociedade brasileira. *Análise Social*, vol. XL (174), 2005, 87-109.

SOUZA, Charles Benedito Gemaque. A contribuição de Henri Lefebvre para reflexão do espaço urbano da Amazônia, *Confins* [Online], 5 | 2009, Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/5633> Acesso em 20 de novembro de 2018.

TILLY, Charles. O acesso desigual ao conhecimento científico. *Tempo social*. [online]. 2006, vol.18, n.2, pp. 47-63.

TORRES, Haroldo da Gama; MARQUES, Eduardo. Políticas sociais e território: uma abordagem metropolitana. *São Paulo em Perspectiva*, 2004, 18(4), pp. 28-38.

VELHO, Gilberto. Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2002.

VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In Arantes, Antônio Augusto (org). *O espaço da diferença*. Campinas, Papirus, 2000. pp 80-103.